



A Influência da fotografia para a compreensão de um texto jornalístico e sua relevância na formação de opinião das massas.¹

Salomão da Silva BOAVENTURA²

Ms. Luciana Leme Souza e SILVA³

Centro Universitário de São José do Rio Preto - UNIRP

Resumo

Em uma sociedade na qual o apelo a uma imagem que fale por si é grande, faz-se necessário ilustrações que elucidem de forma fiel o conteúdo de matérias jornalísticas de forma que o leitor possa entender todo contexto apenas observando a foto. Em uma cultura massificada, a imagem atrai mais a atenção do público do que um texto, assim, faz-se pertinente analisar de forma coesa e sólida como a escolha de determinada imagem influencia na compreensão de uma informação.

Palavras-chave

Cultura de Massa; Fotojornalismo; Jornais; Mídia; Opinião.

A introdução da fotografia na imprensa constitui um marco para a História. Este fato proporcionou, gradativamente, uma mudança na visão da sociedade sobre os fatos de modo a afetar o modo de pensar do indivíduo, o qual “só enxerga o que é capaz de ver, o que foi educado pra ver [...] A fotografia é um signo e, como tal, mediadora entre o indivíduo e o mundo externo, ajuda-nos a ver, mas também a interpretar” (PERSICHETTI, 2000, p.11-12).

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Bacharelado do Curso de Comunicação Social - Jornalismo do Centro Universitário de Rio Preto - UNIRP, email salomaoboaventura@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Coordenadora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP, email: luciana@unirpnet.com.br



Nos primórdios do fotojornalismo, registrar as imagens despendia muito esforço, o inglês Roger Fenton, um dos precursores da fotografia bélica, embarca em fevereiro de 1855 para fotografar a guerra da Criméia, “O material que ele embarca é enorme: trinta e seis grandes caixas...” (FREUND, 1989, p. 107). A tarefa era exaustiva, pois as máquinas eram pesadas e difíceis de transportar, assim, muitas vezes os fotógrafos eram escolhidos mais pela força física do que pelo seu talento como diz Freund (1989). Naquele tempo fazia-se necessário recorrer a vidros para compor as fotos os quais necessitavam de banhos especiais para serem revelados, dessa forma, tornava-se inviável fazer diversas fotos do mesmo assunto, sendo necessária apenas uma que pudesse conter todo o significado desejado, isso leva a posterior definição de Henri Cartier-Bresson do “momento decisivo”, como afirma Bussele (1993). Este momento decisivo sugere um senso do tempo perfeito para congelar a ação no seu clímax, no entanto, o próprio Cartier-Bresson buscava compor bem suas imagens:

Para mim (dizia Cartier-Bresson), fotografia é o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, do significado de um evento bem como de uma organização precisa das formas, que dão a esse evento sua expressão apropriada... Dentro do movimento, há um momento em que os elementos em movimento estão em equilíbrio. A fotografia deve apoderar-se desse momento e manter imóvel o equilíbrio dele. Para Cartier-Bresson, uma fotografia não apenas deve congelar um instante do tempo, mas também deve capturar esse instante dentro de uma composição bem projetada. (COOKMAN apud KOBRE 2011, p.19).

A abrangência do fotojornalismo é grande e Sousa (2004, p.11) considera que “de forma prática, as fotografias jornalísticas como sendo aquelas que possuem ‘valor jornalístico’ que são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes é associado”.

O fotojornalista busca os assuntos que marcam o cotidiano, e por sua vez, para melhor informar, “recorre a conciliação de fotografias e textos”, pois, “a fotografia é ontogeneticamente (parte inata ao seu ser) incapaz de oferecer determinadas informações” (Sousa, 2004, p.12) assim o texto complementa a informação fotográfica e ambos formam um conjunto inseparável de informações. Para que uma imagem obtenha sucesso, “precisa juntar a força noticiosa à força visual” (Vilches, 1987, apud Sousa, 2004, p.13). Destarte, isso ocorre no “instante decisivo” bressoniano, ou seja, quando “[...] o assunto e os elementos composicionais formam uma união” (LESTER, 1991, p.7 apud SOUSA, 2004, p.13). A imagem precisa transmitir uma ideia e focar em seu tema



principal, pois ao buscar várias ideias o mais certo é gerar confusão visual e significativa.

Theodor Adorno (1903-1969), filósofo alemão pertence à chamada Escola de Frankfurt, juntamente com Max Horkheimer, elabora uma teoria crítica da sociedade, entre os principais temas refletidos se encontra além do autoritarismo e do totalitarismo, a teoria da cultura de massas, termo este cunhado por Adorno e Horkheimer, o qual na obra *Dialektik der Aufklärung*, Dialética do Iluminismo, termo este posteriormente substituído por indústria cultural. É nítido que a maior parte da população não possui forte consciência crítica, deve-se isso à Indústria Cultural, pois segundo Adorno, através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência, é exigido trabalho mental para compreensão de uma obra, o uso dos sentidos para a apreensão da ideia transmitida. Isto, por si, exige maturidade, paciência para compreender, já na indústria cultural, através das *mass media*, nada exige, apenas infantilidade e inércia de logicismo no pensamento. Entrega-se tudo pronto ao receptor principalmente àqueles que se fixam em uma única fonte de informação.

A fotografia, inicialmente tratada apenas como arte, se converte em mercadoria em uma cultura capitalista que muitas vezes visa formar ideologias submissas e concernentes com quem domina o poder de modo que se a infraestrutura mantenha a superestrutura determinando a estagnação do *status quo*. Desse modo, faz-se pertinente analisar de forma coesa e sólida como a escolha de determinada imagem e seu texto influenciam na compreensão de uma informação.

Atualmente as grandes mídias detêm o poder da divulgação de imagens que podem induzir a sociedade a qualquer pensamento e ação. Os textos possuem uma grande importância, insuflam a foto de um significado conotado, pois, a ilustração fotográfica chama mais a atenção e quer ser um novo símbolo para o fato em si, não o próprio fato visto que este está fora do seu contexto original, mas uma visão deste, recheada com a ideologia da linha editorial.

É certo que a fotografia transmite a própria cena, guardadas as devidas proporções, ela é seu perfeito *analogon*, conforme Barthes (2005), e é precisamente essa perfeição analógica que, para o senso comum, define a fotografia. Assim, a fotografia se constitui como uma “mensagem sem código” e pode comportar duas mensagens “uma denotada, que é o próprio *analogon* e uma mensagem conotada, que é a maneira como a sociedade dá a ler [...] o que ela pensa.” (BARTHES, 2005 p.327). Uma fotografia é tão semelhante à realidade que não comportaria uma descrição, pois, “descrever [...] é



significar outra coisa além do que se mostra.” Contudo Barthes trabalha com a hipótese que “a mensagem fotográfica (ao menos a mensagem de imprensa) seja também conotada.” Pois a fotografia de imprensa “é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são tantos outros fatores de conotação...”. E o público, que consome a fotografia a liga a “uma reserva tradicional de signos” (BARTHES, 2005 p.328).

Barthes (2005) afirma da conotação como a imposição de um segundo sentido para a imagem fotográfica e esse processo se dá através da modificação do real. Todos efeitos de conotação visam a um objetivo claro a realidade é moldada para se assemelhar com algo que não o é de fato, do mesmo modo os objetos na cena da foto, induzem a associações de ideias.

Os processos acima acontecem na imagem, já o texto “constitui uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, isto é, a lhe ‘insuflar’ um ou vários significados segundos”, ou seja, “é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem...” (BARTHES, 2005, p.333). O texto, para Barthes, torna pesada a imagem, enxerta-a de uma cultura, de uma moral, de uma imaginação. Todo o processo de conotação da imagem ocorre no texto e no título, pois título e artigo se destacam sensivelmente da imagem e a legenda se constituiu como uma duplicação da mensagem.

Para Barthes, “o texto só faz ampliar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas também [...] produz um significado inteiramente novo e que de algum modo é projetado retroativamente na imagem...” Assim notou-se que “o código de conotação [...] é cultural; os signos aí são gestos, atitudes, expressões, cores ou efeitos, dotados de certos sentidos em virtude do uso em certa sociedade...” A leitura depende do saber do leitor, pois na fotografia “nada diz [...] que haja partes ‘neutras’”. Dessa forma, “não há percepção sem categorização imediata”, ou seja, a conotação acontece na percepção da imagem. (BARTHES, 2005, p.335-336).

Na fotografia jornalística inexistente a neutralidade; nela, sempre alguma declaração está implícita de acordo com Bussele (2003). As fotos são como que miniaturas apreendidas da realidade, pois, “fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto” (SONTAG, 2004, p.16). Em alguns casos a fotografia jornalística não é vista como um ponto de vista, uma percepção de alguém, todavia ela é vista como o próprio fato. Vicentini e Oliveira (2010), afirmam que a realidade captada não é isenta de opinião, pois está sob a percepção do próprio fotógrafo desde a escolha do equipamento até a

edição e a atribuição de títulos e legendas, tem-se aí um ato ideológico. E, é justamente este ato ideológico que forma a opinião das massas. A fotografia é pensada para que, em sintonia com o texto, conduza o indivíduo a ter uma posição sobre o fato. A escolha da foto é sempre pensada, por isso são feitas diversas imagens de um evento para em seguida “ser escolhidas as melhores, (fotos) inclusive aquelas em que os sujeitos fotografados fazem determinadas expressões ou gestos mais significativos”. (KOBRE, 1991, p.15 *apud* SOUSA, 2004, p.52).

O leitor está longe do contexto no qual a imagem foi feita e muitas vezes não interpreta o fato em si. É perceptível que muitas pessoas não analisam a imagem pois, para elas, a foto reproduz o real ocorrendo assim uma confusão entre os termos percepção e interpretação de acordo com Acorsi e Boni (2006).

Um caso que exemplifica isso é o do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Nunca foi segredo seu hábito de apreciar bebidas alcóolicas, todavia fotos apresentadas na imprensa ressaltavam seu costume e lhe taxaram rótulo de alcoólatra. A que causou maior polêmica foi uma matéria do jornalista Larry Rohter no *The New York Times*, em maio de dois mil e quatro, intitulada *Brazilian Leader's Tipping Becomes National Concern*, estampava uma foto – feita por Alan Marques – de Lula na Ocktober Fest do ano anterior, conforme ilustração abaixo:



President Luiz Inacio Lula da Silva, wearing a Bavarian hat and hoisting a stein of beer, helped to celebrate Oktoberfest in the southern Brazil state of Santa Catarina. Questions have been raised about his drinking.

A matéria de Rohter induziu muitos a fazer mal juízo de Lula. Os veículos de comunicação, valendo-se desse gancho, criaram novas reportagens sobre os hábitos do então presidente. A revista *Veja* publicou em sua versão de internet, alguns dias após o início da polêmica com o jornal estado-unidense, uma coletânea de frases e trechos de entrevistas do tempo em que o costume de Lula não era notícia de causar polêmica. Mas



mesmo assim tenta induzir a massa a julgar o presidente como alcólatra ressaltando seus costumes “etíficos”.



Após esse fato o jornalista foi ameaçado de extradição, todavia houve pedido de desculpas, no entanto Lula foi tachado como dependente de álcool e, essa imagem, ficou na mente da população que não acompanhou o fato em sua totalidade. Ao publicar um crucifixo ao fundo do presidente, a revista *Isto é Independente* ilustra bem a condição de Lula naquele momento, um inocente sendo crucificado.



“Se eu não me defender,
ninguém vai me defender.
Este foi o gesto da minha
indignação ”



O simples ato de observar uma foto e captar as informações aparentes diferencia-se de interpretá-la e buscar o sentido real o que é em muitos casos, complexo. Nota-se, assim, que a fotografia não é naturalmente legível e que esconde uma série de conteúdos interpretativos, “a autora lança a segunda dúvida: ‘Será que a minha interpretação é condizente com a interpretação do autor?’ Ela própria alerta que essa é uma questão quase insolúvel.” (Joly, 1996 *apud* ACORSI; BONI 2006, p.3)

Tomando como exemplo um repórter fotográfico, sua história pessoal e sua percepção do fato, influencia em suas fotos.

Ao voltar para a redação, o material que traz já está fora do contexto, ou seja, não está mais no ambiente e nas condições em que foi produzido. Nas páginas do jornal, o material se afasta ainda mais do seu contexto original. A leitura dessas imagens, por sua vez, é feita por leitores que não estiveram no local e no momento da fotografia e que possuem repertórios diferentes do repórter. Ao final desse processo, torna-se difícil a leitura do leitor coincidir com a que o fotojornalista fez do acontecimento. (ACORSI; BONI, 2006, p.4).

Observa-se assim, claramente, que a fotografia, em conjunto com o texto, conduz o receptor a uma leitura do fato. Àqueles que possuem um arcabouço pequeno de informação, ao contemplarem o signo fotográfico, e deixam-se levar pela linha editorial, que se evidencia na edição da fotografia, alienam-se e integram uma massa sem opinião que se deixa manipular facilmente, já os outros que questionam e analisam a imagem e o texto buscando novas fontes conseguem chegar a uma opinião própria e mais sólida sem se influenciar pela imagem.

Enfim, “... como toda significação bem estruturada, a conotação fotográfica é uma atividade institucional [...] sua função é integrar o homem, isto é, dar-lhe segurança...” (BARTHES, 2005, p.338). Assim, analisar os códigos talvez permita definir historicamente uma sociedade de modo mais fácil. Analisar o código de conotação de uma fotografia de imprensa é possível conhecer melhor como nossa sociedade vive e “reencontrar [...] as formas que nossa sociedade usa para se serenar.” (BARTHES, 2005, p.338).



REFERÊNCIAS

ACORSI, André Reinaldo; BONI, Paulo César. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. In. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXIX, 2006, Brasília, Anais... . Brasília: UNB, 2006. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19870/1/Paulo+C%C3%A9sar+Boni-Andr%C3%A9+Reinaldo+Acorsi.pdf>> Acesso em:29. Abr. 2012.

ADORNO, Theodore; HORKHEIMER, Max. **A Indústria Cultural: O Iluminismo como mitificação das massas**. In: LIMA, Luiz Costa (org.) **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARTHES, Roland. A Mensagem Fotográfica. Trad. César Bloom. In: LIMA, Luiz Costa (org.) **Teoria da Cultura de Massa**. 7. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p.325-338.

BUSSELE, Michele. Tudo sobre fotografia. 6. Ed. São Paulo: Pioneira, 1993.

KOBRE, Kenneth. **Fotojornalismo: uma abordagem profissional**. 6. ed. Trad. Edson Furmankiewicz. São Paulo: Elsevier, 2011.

MARQUES, Alan. **Lula na Oktoberfest em Blumenau**. 2003. 1 fotografia, color.

MELLO, Hélio Campos. Indignação e auto-estima. **Revista Isto é Independente**. n. 1806. 19 maio 2004.

PERES, Leandra. Afasta de mim este cálice. **Revista Veja**. São Paulo, 19 maio 2004. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/190504/p_036.html> Acesso em 10 out. 2011.

PERSICHETTI, Simonetta. **Imagens da fotografia brasileira, vol. 2**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

ROHTER, Larry. Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern. **The New York Times**, New York, 09 maio 2004. Disponível em:<<http://www.nyt.com/2004/05/09/world/brazilian-leader-s-tippling-becomes-national-concern.html?scp=1&sq=Lula+++09+may+2004&st=nyt&pagewanted=all>> Acesso em 16 out. 2011.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à História, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.